

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PELA NEGAÇÃO: UMA LEITURA DA PROSTITUTA ILDA DO CONTO “A PAUSA”, DE BENJAMIN SANCHES

Déborah Almeida Rabelo (UFAM)¹

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)²

Resumo: Este trabalho se propõe a realizar uma análise sobre o modo singular pelo qual a imagem da prostituta Ilda é construída no conto *A Pausa*, do livro *O outro e outros contos*, do escritor amazonense Benjamin Sanches. Explorando um caminho não convencional, Sanches abre mão de um previsível olhar externo, com enfoque à sensualidade e ao romantizado processo de regeneração, nos apresentando então uma abordagem existencial desencadeada pela própria Ilda, por meio de um processo de reflexão sobre sua identidade, aqui analisada pelo viés do conceito lacaniano do *Estádio do Espelho* e da representação social atribuída à prostituta. Em complemento ao estudo da obra, mostrou-se relevante explorar os poucos aspectos biográficos disponíveis e os inovadores recursos estético-formais dos quais o enigmático contista fez uso, visando não apenas a uma melhor compreensão da obra em sua totalidade, como também a uma contribuição junto aos estudos realizados em celebração aos 60 anos do Clube da Madrugada – principal movimento de renovação artística no Amazonas – do qual Benjamin Sanches foi atuante.

Palavras-chave: Benjamin Sanches; Prostituta; Literatura Amazonense.

INTRODUÇÃO

A mulher prostituta consiste, historicamente, em uma figura negada pela sociedade. Julgada como um desvio da moral vigente, é marginalizada e tem possibilidades subtraídas: deve ser consciente quanto aos lugares que não pode frequentar, às pessoas com quem não deve se comunicar e às atividades que não pode exercer. Ao cumprir essas normas, é lhe dado o “direito” de subsistir, pois desde que não esteja sob o olhar da sociedade considerada ideal, sua presença é insignificante.

Ao ser transformada em elemento literário, a prostituta não perde essa carga negativa que acompanha a sua existência. Exceções ocorrem quando, após uma vida

¹ Déborah RABELO. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. deboraharabelo@gmail.com

² Cássia NASCIMENTO. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. cassiambnascimento@gmail.com

pecaminosa, ela conhece o amor, geralmente vindo de um homem pertencente àquela sociedade ideal, e então é iniciada em um processo de purificação, transformando-se em uma figura socialmente aceitável. Para citar apenas uma obra, um clássico exemplo desse mecanismo está presente em *Lucíola*, de José de Alencar. Maria da Glória é uma jovem que, diante de forte dificuldade financeira, encontra na prostituição um modo de sustentar seus familiares devastados pela epidemia de febre amarela dos idos de 1850. Transforma-se então em Lúcia, uma das cortesãs mais ricas do Rio de Janeiro, mulher de aparência angelical que levava uma vida de devassidão e avareza. Eis que surge o amor verdadeiro de Paulo, rapaz que fora capaz de enxergar a verdadeira essência de Maria da Glória, despertando-lhe o desejo de abandonar a vida de prostituição. A personagem inicia, então, um processo de redenção.

Ainda que esteja presente em diversas outras obras da literatura nacional e estrangeira, esse enredo embebido da essência do Romantismo não é a única opção de retratar essa figura controversa. Adiantamos que o caminho traçado por Lúcia não cabe à Ilda. A origem desta é desconhecida, não há referências a familiares ou amigos próximos, não se sabe o que a tornou prostituta e não é apresentado um desfecho romântico capaz de resgatá-la da vida que leva. A conhecemos prostituta e desse mesmo modo dela nos despedimos ao final das aparentemente simplórias duas páginas e meia de conto, que apesar de breve possui uma densa gama de possibilidades de análise.

A proposta desse artigo, portanto, é de explorar – principalmente com o auxílio dos estudos propostos por Jacques Lacan acerca do “Estádio do Espelho”— a curiosa identidade de Ilda, constituída de ausências e negações, trazendo à tona uma personagem intrigante, característica da irreverente produção benjaminiana.

1 A OBRA E O AUTOR: O OUTRO E OUTROS CONTOS E BENJAMIN SANCHES

Publicado em 1963, *O outro e outros contos* é composto por 23 contos que perpassam pelas mais diversas temáticas. Densidade existencial das personagens, loucura, humor, casos da vida interiorana, situações de um “quotidiano banalizado,

nunca vulgarizado” (ZUCOLO,

2011, p. 21) e uma reversibilidade universal que humaniza os animais e animaliza os homens conferiram novos ares à ficção regionalista amazônica, apesar de tal contribuição ter sido pouco compreendida à época.

Ainda que vindo à tona tardiamente em relação às inovações de 1922 e de 1945, o excêntrico estilo de Sanches despertou – e ainda desperta - a atenção desde uma leitura inicial. Nuances concretistas, alinhamento dos parágrafos à direita e supressão de iniciais minúsculas causavam ruptura com os parâmetros academicamente estabelecidos, porém “eram apenas traços exteriores de forte individualidade, de imaginação caudalosa” (GRAÇA, 1998, p. 13).

A força de *O outro* se revela na associação entre forma e conteúdo, conferindo autonomia aos contos.

As temáticas inovadoras aliadas às experimentações estético-formais, por despertarem estranhamento nos leitores de Benjamin Sanches, explicam em parte o esquecimento no qual a obra benjaminiana por muito tempo se perdeu. Após a publicação de *Argila* - seu único livro de poesias - em 1957, e da primeira edição de *O outro e outros contos*, um longo silêncio pairou sobre a obra do escritor amazonense. Apenas 35 anos depois, *O outro* recebe uma segunda edição, publicada como parte da Coleção Resgate, um trabalho conjunto da Secretaria de Cultura do Amazonas e da Livraria Valer. Tal trabalho buscou não apenas resgatar, mas justificar a obra anteriormente incompreendida, como confessa Antônio Paulo Graça na introdução da reedição de 1998:

Há cerca de vinte anos, resolvi escrever um estudo sobre a ficção do Amazonas. Entre dezenas de outros livros, li o de Benjamin Sanches, fiquei-o e apensei alguns comentários. Já lhe reconhecera a qualidade, mas, às vezes, o que parece coragem e espírito crítico não passa de puerilidade. Fui capaz de escrever que o autor não conseguia fugir de um certo tom livresco e de algumas impropriedades na expressão. Agora procuro na ficha amarelada um indício sequer desses “defeitos” e não o encontro. Lamentavelmente o que eu julgava livresco era

apenas a cultura linguística do autor e as impropriedades tão-somente criação. A ficha será guardada, como uma espécie de prova e amuleto a me proteger do julgamento célere. Julgamento que não será o do leitor que agora está abrindo sob seus olhos um labirinto de beleza e reflexão, o mundo de Benjamin Sanches.³

Tal incógnita envolve não apenas a obra, mas também a figura do autor. Em contraste com a ampla margem para estudos sobre os aspectos literários de Benjamin, há pouco a ser explorado quanto aos biográficos, pois conforme constatou o professor Antônio Paulo Graça, Sanches

[...] sofreu sob a mais poderosa arma da província: o esquecimento. Mal passada a primeira década de sua morte, ninguém mais lhe lembrava sequer o nome. Dificilmente alguém sabe quem ele foi de fato, onde nasceu e morreu ou como viveu.⁴

Quanto aos estudos críticos dos pormenores de *O outro*, a maior referência é *Contos de Sagração: Benjamin Sanches e a experimentação estético-formal*, de 2011, no qual Nícia Petreceli Zucolo, além de analisar aspectos biográficos e estilísticos de Sanches, se aprofunda especificamente em seis contos – *A Pausa, A Gravata, O Miolo, O Tartaruga, Coágulo de sombras e Gula-Gume*. Da mesma forma, diversos outros trabalhos vêm, pouco a pouco, somando forças ao desejo de explorar o universo benjaminiano, principalmente no que tange a estudos em torno do Clube da Madrugada, associação literária e artística da qual Benjamin foi integrante.

2 A PERSONAGEM: ILDA

A imagem de Ilda é apresentada desde o início do conto por ausências, por negatividade. É uma prostituta que, por estar menstruada, não fora escolhida pelo último cliente disponível, e portanto se vê obrigada a permanecer em casa durante um domingo, com a companhia apenas de suas divagações. Logo nos é confidenciado o seu

³ GRAÇA, 1998, p. 19 e 20.

⁴ GRAÇA, 1998, p.13.

gosto pelo banho de igarapé e a sua descrença quanto à existência do mar, do qual apenas ouvira falar. Essa relação traduz, de forma geral, um importante traço de Ilda: ela acredita apenas no palpável, no que está ao alcance de seus olhos.

Uma série de demais negações são, pouco a pouco, elencadas. Nunca fora amada “com o ouvido”, sendo “querida, sempre, pelos olhos de indivíduos anônimos e rudes” (p. 59)⁵, e assim permanecendo até o fim da narrativa, o que mantém a personagem à distância da salvação romântica pelo amor. Quanto ao seu nome, o H inicial não é tratado como simplesmente ausente, e sim como arrancado de (H)ilda por um galináceo na área do fundo da casa – passível de ser compreendido como uma analogia à força masculina à qual ela se submetia duplamente, enquanto mulher e prostituta. A negatividade é reforçada pela constante repetição de termos que remetem ao que ela não pode ser ou possuir, demonstrando que além de negações, o que cabe à Ilda são incertezas, suposições e inverdades. Como já sabemos, “o mar **nunca** tinha visto. **Não** deveria existir. [...] **Ouvira falar** ser salgado e impetuoso.” (p. 59). E, por ter sido privada do passeio (programa com o cliente) ao igarapé, de que tanto gostava, “na fita amarela da sua tristeza, ilda, **imaginava** as suas companheiras ora megulhando, com ardência, na água gelada.” (p. 60)

“A loura imitação” (p. 60) despertava a curiosidade dos moradores ao redor, que desconheciam a sua origem ou qualquer outra informação mais pessoal, o que reafirma a inovação de Sanches em não trilhar o lugar comum, que normalmente explora a figura de uma prostituta com trajetória humilde, narrando os acontecimentos que a levaram àquela vida. Apesar de julgar-se como despercebida, Ilda deixava os vizinhos intrigados, ávidos para matar a curiosidade, agora reforçada pela anormal permanência da prostituta em casa. Essa ausência de informações externas sobre Ilda nos traz o interesse quanto ao interno, ao que está passando por sua mente.

2.1 ESTÁDIO DO ESPELHO

Após tantas negações, surge a maior afirmação da personagem, talvez única: sua

⁵ Desta página em diante, todas as citações apenas com o número da página são referentes ao conto “A Pausa” (In: SANCHES, B. O outro e outros contos. 2. ed. Manaus: editora Valer, 1998. p. 59-61).

beleza, que lhe rendia ser a primeira escolhida para os programas. A partir do momento em que isso é posto em xeque – pois “fora refugada pelo moço que sobrava” (p. 59), Ilda inicia um processo de reflexão sobre si, desestabilizada ao encontrar-se diante da possibilidade de ter perdido o atributo que não apenas a afirmava enquanto indivíduo, mas também era o seu meio de trabalho.

A fim de confirmar a sua dúvida, Ilda “enfiou-se todinha no espelho” (p. 60), o que nos leva à escolha pela teoria do *Estádio do Espelho*, proposta por Jacques Lacan, devido à presença do mesmo objeto e à significação que Lacan atribui à problemática do eu e do corpo.

Este conceito, em francês “*Je*”, trata do sujeito do inconsciente. Foi pensado primeiramente por seu autor como um fenômeno vinculado a uma fase do desenvolvimento infantil, até que acabou, mais tarde, assumindo um papel maior no pensamento de Lacan. Assim, o estádio do espelho refere-se a uma realidade mais ampla do conflito da relação dual. O estádio do espelho, segundo Lacan, começa já na fase de bebê, quando “o filhote do homem, numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda assim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelos chimpanzés, já reconhece, não obstante, como tal sua imagem no espelho”. [...] Desse modo, a imagem corporal, para Lacan, é sempre uma construção subjetiva, e

essencialmente alienante, pois se desenvolve tendo em referência a experiência e a visão dos outros membros da sociedade. Trata-se de uma perspectiva útil para entender muitas vezes as representações do espelho na literatura. (WILLRICH, 2012, p. 13)

A teoria lacaniana abre margem para uma melhor compreensão sobre o modo pelo qual Ilda percebe-se enquanto sujeito, visto que se trata de uma abordagem psicanalítica em que o “eu” é construído com base na experiência alheia, na opinião das outras pessoas. É apresentado um constante estado de resignação da personagem, quebrado apenas pela sua anormal estadia em casa durante um domingo, situação que a leva a esboçar um processo de questionamento, de reflexão sobre a sua identidade. Essa

dependência do alheio para a formação da autoimagem é reforçada pela sua profissão: Ilda depende do outro tanto para afirmar sua subjetividade individual quanto para garantir seu sustento. Diante da solidão da personagem, o espelho desempenha o papel do outro, da opinião alheia, abrandando o desespero da prostituta, mostrando-lhe que “o tempo não havia torrado nenhuma pontinha da sua formosura” (p. 60), fazendo com que seus olhos soltassem lágrimas de satisfação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção que Sanches realiza causa uma quebra de expectativa por parte do leitor, que se depara com uma prostituta que (tenta) questiona(r) a sua constituição enquanto indivíduo. O momento da pausa desencadeia a tomada de consciência de seu lugar no mundo e de sua experiência como prostituta. Logo, a subjetividade da personagem se desenvolve a partir da ruptura do mundo ordenado e previsível. Contudo, o que é realizado é apenas um esboço de consciência, uma tentativa de “realizar o irrealizável” (p. 61), que não se concretiza pois o processo de conscientização é frustrante, diante da força do mundo e das imposições sociais que recaem sobre uma mulher como Ilda.

Ilda, ao recorrer ao espelho, busca na confirmação da preservação de sua imagem um conforto, uma permissão para que seja retomado o estado de resignação, representado por mais um “tijolo falso para o seu edifício impossível” (p. 61). Ao afirmar, diante do espelho, que seu corpo continua intacto, a prostituta abandona o “acordar da consciência” que havia iniciado, se agarrando à provável única certeza que tem na vida, que apesar de alienante, lhe

permite viver de forma serena. Ainda que tenha desejado durante sua inquietação “o poder que lhe permitisse tornar os homens mais justos ou de conseguir um remédio que curasse todos os males do corpo” (p. 61), Ilda reassume a postura apática e se convence de que “o pinga-pinga do tempo é natural. O negócio é não cutucar a vida. Se ela tem as suas tristezas, devemos transformá-las em nós, em outras tantas alegrias.” (p. 61)

Por fim, é possível identificar um sutil alinhamento entre autor e personagem. Pouco sabemos sobre a vida de Benjamin e de Ilda, então voltamos nossa atenção para apreciar suas produções e seus questionamentos, respectivamente. Ambos realizam rupturas com o convencionalmente estabelecido. Sanches faz uso de uma protagonista controversa, observada sob um ângulo igualmente atípico, ao passo que Ilda rompe duplamente com o socialmente esperado, pois não apenas é prostituta, é uma prostituta que questiona seu lugar no mundo e busca, ainda que sem sucesso, lutar contra a força do mundo ordenado e previsível.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. C.; SILVA, F. P. L. **A prostituta na literatura: contestação e denúncia.** 2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2701.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

BRAGA, R. In: SANCHES, B. **O outro e outros contos.** 2. ed. Manaus: Editora Valer, 1998. p. 11-12.

CUKIERT, M.; PRISZKULNIK, L. **Considerações sobre o eu e o corpo em Lacan.** Natal, Janeiro 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000100014&script=sci_arttext>. Acesso em 15 jun. 2014.

GRAÇA, P. A. In: SANCHES, B. **O outro e outros contos.** 2. ed. Manaus: Editora Valer, 1998. p. 13-20.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, vol. 8, n. 2, p. 110-117, 2009. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>>. Acesso em 15 jun. 2014.

MOREIRA, A. **O espaço da prostituta na literatura brasileira do século XX.** 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/viewFile/190/142>>. Acesso em 13 jun. 2014.

SANCHES, B. **O outro e outros contos.** 2. ed. Manaus: Editora Valer, 1998.

WILLRICH, B. A. **Reflexos de uma escrita: representações do espelho na literatura.** 2012. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Instituto de Letras), UFRGS, Porto Alegre. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56155/000859799.pdf?sequence=1>> Acesso em 15 jun. 2014.

ZUCOLO, N. P. **Contos de Sagração: Benjamin Sanches e a experimentação estético-formal.** Manaus: Editora Valer, 2011.

